

JOEL BRANCO E VERA MÓNICA CONFESSAM QUE «MÚSICA NO CORAÇÃO» ESTÁ (AINDA) MELHOR DO QUE EM LISBOA

# Sucesso no Porto está garantido

Uma vez mais juntos no palco, depois de participações em musicais como «Godspell», ou «A Canção de Lisboa», Joel Branco e Vera Mónica regressam ao Porto com «Música no Coração», uma versão do musical de maior sucesso no cinema e no teatro estreado na Broadway em 1959, de Richard Rodgers (compositor das músicas) e Óscar Hammerstein II (autor das letras). Sucesso levado a cena por Filipe La Féria no Teatro Politeama, «Música no Coração» tem tido sala cheia desde o dia em que o Teatro Rivoli lhe abriu as portas, o que, para dois dos mais consagrados actores de um elenco de luxo que integra ainda os cantores Carlos Quintas, ou Anabela, vencedora do Festival da Canção, em 1993, “não é surpresa”. Juntos também à mesa pelo AUDIÊNCIA, Joel Branco e Vera Mónica confessam que a peça “está diferente”, mas para “melhor do que em Lisboa”, “mais fresca e mais politizada”. De volta a Portugal, ao fim de oito anos em Itália, a actriz que também é fadista não tem dúvidas de que “o sucesso no Porto está garantido”, o mesmo assegurando um dos mais populares actores de teatro ligeiro portugueses, convencido de que “uma história que trata da dignidade humana” é transversal a todos os públicos. Aos 63 anos, Joel Branco está mais preocupado em saber que reforma vai ter do que propriamente com a reforma, disposto a continuar a fazer um tipo de teatro, “não de cariz nacional, mas internacional”, a que Filipe La Féria deu “uma grande dignidade”. Nascida a 7 de Abril de 1956, no Rio de Janeiro, Vera Mónica quer relançar a carreira em Portugal e já tem em mente um projecto que, a breve trecho, pretende pôr em prática, com músicos de Gaia, sem colocar em causa a participação em «Música no Coração», o que a fará ficar na que considera ser a sua “segunda cidade”, na qual por mais do que uma vez se refugiou. 20 anos depois, o Porto passou de uma espécie de porto de abrigo a ponto de partida para uma fadista que deseja acabar os seus dias no Alentejo.

*Eu e a Vera Mónica fizemos, em 1976, o ‘Godspell’, que era um espectáculo lindíssimo e bem feito, e foi muito difícil. Há, de facto, uma camada jovem que está a aderir a este tipo de teatro porque o Filipe La Féria veio trazer à comédia musical, não de cariz nacional, mas internacional, uma grande dignidade*



Por Jorge Carvalho

**AUDIÊNCIA** – «Música no Coração» pode ter no Porto o mesmo sucesso que teve em Lisboa?

**VERA MÓNICA** – Acho que ‘Música no Coração’ vai ter sucesso no Porto. Indiscutivelmente. Aliás, já falei com várias pessoas que viram a peça duas e três vezes e querem voltar a ver. E, pela reacção do público no final de cada espectáculo, é certo que a peça vai ser um sucesso, porque muitos espectadores querem voltar a assistir ao musical. A reacção do público no final é uma coisa alucinante, que me deixa arrepiada. Já não é a primeira vez que vou quase às lágrimas. No Porto, o público tem, de facto, algumas singularidades. Por exemplo: não é de se manifestar durante o espectáculo. Já em Lisboa, o espectáculo é muitas vezes interrompido por causa dos aplausos. E porquê? Porque o público do Porto está muito atento ao que está a ver e não quer perder pitada de nada. Se tiver que aplaudir, perde-se. Mas, quando o espe-

ctáculo chega ao fim, extravasa tudo o que sentiu de uma forma que, por mais do que uma vez, quase me levou às lágrimas. Portanto, o sucesso no Porto está garantido. Aliás, julgo mesmo que a peça é um sucesso garantido onde quer que seja.

**JOEL BRANCO** – Era natural, a partir do momento em que este tipo de peça fosse entregue aos intérpretes certos, o que, modéstia à parte, aconteceu, que a peça ‘Música no Coração’ agradasse. Para já, havia uma prova dada pelo filme. As pessoas conhecem a história. E era muito importante, quando está em causa um tipo de peça com origem no estrangeiro, de comédias musicais a que nem todos estão habituados, que houvesse uma referência, principalmente para aquele público com 40/50, ou 60 anos, que, depois, explica aos mais novos. É uma história que trata da dignidade pessoal, pondo em evidência a integridade moral da vida humana, em contraponto com a vilania que foi o regime fascista de Hitler. No fundo, serve de aviso à navegação,

porque todos sabemos que, por vezes, as democracias oscilam. A peça é, de facto, um aviso muito inteligente feito pelo Filipe La Féria. Aliás, quando a peça veio para o Porto, o Filipe La Féria melhorou algumas partes do II acto. Ou seja, está melhor do que em Lisboa. Curiosamente.

**A – Porquê?**

**JB** – Está um bom bocado mais fresca e também mais politizada. Era preciso divertir e entreter, mas também deixar o aviso: ‘Eles estão aí’. E é preciso ter cuidado.

**VM** – A peça está realmente diferente, mas acho que para melhor. Isto dito porque quem viu a peça em Lisboa e no Porto.

**JB** – Está, de facto, diferente para melhor. Tivemos a sorte de, no Porto, encontrar um elenco fantástico, que já tinha sido preparado pela coreógrafa da peça, pelo director vocal, o Tó Leal, e pela Helena Rocha, que é a directora de cena e a tradutora oficial das peças do Filipe La Féria. Quando chegámos ao Porto, podíamos ter estreado passados três/quatro dias. O

elenco foi tão bem preparado que estávamos à vontade para fazer a estreia da peça em 48 horas.

**A – Afinal, também há talento no Porto?**

**VM** – Claro que há talento no Porto.

**JB** – Foi tudo uma agradável surpresa. Fazíamos a peça há um ano em Lisboa e, de um momento para o outro, passámos a fazer parte de um elenco que não conhecíamos bem, principalmente as crianças que entram na peça. Ninguém tenha dúvidas de que as primeiras figuras de 'Música no Coração' são as crianças. Quando entram em palco, abafam tudo. Foi dito num ensaio pelo Filipe La Féria que a dona Palmira Bastos se recusava mesmo a contracenar com crianças e animais. E a maioria dos actores, nomeadamente os norte-americanos, faz um grande esforço quando tem de contracenar com crianças. Não por acaso, mormente em cinema, são muito bem defendidos, porque é muito difícil. Uma criança bonita, ou um animal que faça habilidades, rouba as cenas a qualquer actor, por mais talentoso que seja. Na peça, já estamos preparados para a reacção do público quando as crianças entram em cena. Os miúdos não estão em palco como estão os actores adultos. Têm a sua inocência e pureza, que acabam por chegar à plateia.

#### Sem hesitações

**A – Não hesitaram em vir para o Porto com «Música no Coração»?**

**VM** – Não. Aliás, nunca hesitei

em vir para o Porto. Há 25 anos, quando já estava farta de Lisboa, decidi mesmo vir para o Porto. Estive cá meses, a fazer espectáculos nas boas casas que havia. O Porto é a minha segunda cidade. O Filipe La Féria quis dar oportunidade a esta gente nova de tentar a sua sorte e trouxe para o Porto apenas oito dos actores que tinham feito a peça em Lisboa, porque já tinha preparado parte do elenco de 'Jesus Cristo Superstar' para entrar no 'Música no Coração'. Acho que fez muito bem. Dou a mão à palmatória.

**JB** – Não tinha nenhum motivo para hesitar em vir para o Porto. Vivi cá dos 14 aos 18 anos, quando estive a tentar tirar, de balde, um curso de pintura decorativa na Escola Soares dos Reis. Conheci muitas famílias no Porto, às quais fazia confusão o facto de um rapaz com 14 anos estar sozinho na cidade. Mas, na verdade, nunca estava sozinho, porque os pais e as mães dos meus colegas e os meus próprios colegas levavam-me para todo o lado. Conheci gente fantástica no Porto, de quem fiquei amigo até hoje e que ajudou à minha formação como ser humano. Só tive coisas boas quando vivi no Porto. Fui muito bem tratado.

**A – Espera-se mais de «Música no Coração» depois do sucesso de Filipe La Féria com «Jesus Cristo Superstar»?**

**JB** – Não sei. Só sei, de facto, que 'Jesus Cristo Superstar' foi um grande sucesso no Porto. E merecido. Tive a sorte de ver a peça antes de estrear, quando fiz, com um grupo de colegas,

uma corrida ao Porto para assistir a um ensaio como se de um espectáculo se tratasse. Fiquei completamente rendido. Já tinha visto o espectáculo em Londres, em 1972, mas, desta vez, fiquei derrotado. Não tive dúvidas naquele dia de que o espectáculo iria explodir. E explodiu. O Filipe La Féria fez com o 'Jesus Cristo Superstar' o mesmo que fez com 'Música no Coração': levou algumas das figuras centrais para Lisboa e trouxe os actores que conduzem a história de 'Música no Coração' para o Porto. E aproveitou o elenco magnífico que já cá estava e que fez 'Jesus Cristo Superstar'. Portanto, uma parte do elenco de 'Jesus Cristo Superstar' e de 'Música no Coração' é do Porto e outra de Lisboa. O mesmo se passa com a música. É o verdadeiro intercâmbio cultural.

**VM** – Sinceramente, não faço ideia se se faz qualquer tipo de comparação entre 'Jesus Cristo Superstar' e 'Música no Coração'. Para mim, é tudo teatro. As duas peças são bonitas. Agora, não têm nada a ver uma com a outra. Vi o filme 17 vezes, quando era criança, e nunca me passou pela cabeça vir a fazer o papel de baronesa Schroeder em 'Música no Coração'. Toda a gente conhece o filme e a história.

**JB** – Por falar em número de vezes que alguém viu um filme, acho que ainda estou à frente, porque vi o West Side Story 85 vezes. Comecei a vê-lo no Porto, tinha 15 anos. Aos 18, fui para Lisboa trabalhar num ateliê de publicidade no Teatro Monumental e o filme apareceu em repo-

#### OITO ANOS DEPOIS

## O regresso a Portugal

**A – Por que se ausentou do País?**

**VM** – Tinha acabado de gravar uma telenovela, que se chamava 'Vidas de Sal', em 1997, e queria ir de férias, porque as gravações de uma novela são duríssimas. Passamos 12 e 14 horas metidos num estúdio, das seis, ou sete da manhã até à noite. Depois de uma novela, convém fazer uma pausa, para descansar. Como tinha uma amiga fora do País que estava sempre a convidar-me para ir visitá-la, ainda hesitei entre ir para Itália, ou para as termas, mas acabei por me decidir pela primeira opção, porque gosto muito das massas italianas. Em Itália, conheci o meu marido, casei-me e vivi oito anos fora do País. Entretanto, o casamento acabou e voltei a Portugal. Ponto final.

**A – E veio para ficar?**

**VM** – Vim para ficar se não aparecer nenhum projecto que me faça voltar a Angola.

**A – E por que não ao Brasil?**

**VM** – Ao Brasil, não tenho grande vontade de voltar. Foi lá que nasci, mas gostava mais de regressar a Angola. Foi lá que me fiz mulher e foi lá que me estreei no teatro. E também foi lá que comecei a cantar. A minha mãe era fadista e andava sempre a correr o Mundo. E eu corria-o com ela. Não foi muito conhecida em Portugal porque nunca parava cá. Mas era portuguesa, de Setúbal. Aliás, a minha família é uma família de fadistas. Eu não podia ser outra coisa.

**A – Canta mesmo por gosto?**

**VM** – Canto. Aliás, faço tudo por gosto. Não faço favores a ninguém. Por exemplo, quando fui de férias para Itália e acabei por me casar, tive de arranjar trabalho, para poder ficar. E o que fui fazer? Era empregada numa fábrica de fazer palmilhas em pele. Era uma fábrica familiar, com sete ou oito empregados, cinco dos quais da família. Ao fim de oito dias de estar na fábrica, a patroa punha os empregados novos ao pé de mim para aprenderem. E porquê? Porque faço tudo com gosto. Não tenho medo nenhum de ficar sem emprego no teatro, ou nas canções, porque, se precisar de trabalhar noutro lado qualquer, trabalho. E bem. Hoje em dia, os actores não têm protecção nenhuma. Podem fazer connosco o que quiseram. Estamos a recibo verde. Aliás, temos de pagar todos os meses 150 euros à Segurança Social, quer estejamos a trabalhar, quer não. Para vir a ter, ou não, uma reforma. Mas não temos regalias nenhuma, do subsídio de desemprego ao subsídio de férias ou de Natal. Antigamente, por exemplo, não era actor quem queria. Tinha de prestar provas. Hoje, basta dizer que é actor e é mesmo. Eu e o Joel Branco tivemos de prestar provas para sermos admitidos como actores. Por isso, nós somos profissionais de teatro. Com carteira profissional, que, entretanto, também deixou de existir. As pessoas eram avaliadas, para se apurar se tinham, ou não, competência para os cargos. Hoje em dia, em lado nenhum isso acontece.

**A – Não dá mesmo para viver do teatro?**

**VM** – Não. Mas também não dá para viver apenas das canções. Ou melhor, se calhar, depende das canções. Agora, uma coisa é certa: o mercado está saturado. Hoje em dia, toda a gente canta. Aliás, hoje em dia nem sequer é preciso ser cantor para cantar. As máquinas fazem tudo. Importante é a promoção.



## CARREIRA

# Vida de actor é um Totoloto

**A – Quantas novelas já fez?**

**JB** – Já fiz algumas. Fiz, por exemplo, a segunda telenovela portuguesa, que se chamava 'Origens'. Depois, fiz uma novela em que era o mau da fita, intitulada 'A Grande Aposta'. Mais tarde, entrei nos últimos episódios de 'Os Lobos' e, em 2007, fiz uma novela para a TVI: 'Fala-me de Amor'. A última novela em que participei deu-me, de facto, muito gozo, porque, depois de uma paragem de três ou quatro anos, tive oportunidade de trabalhar com uma Direcção fantástica, liderada por Manuel Amaro da Costa. A representação em televisão é diferente da do teatro e, quando há um bom director, consegue que um bom actor de teatro faça um brilharete em televisão. Teatro ou televisão? Entre os dois, o meu coração balança, como dizem os franceses. A televisão tem um grande aliciante: paga melhor. Já não paga como pagava, mas, comparativamente com o teatro, paga melhor, o que se compreende, porque vende mais e tem mais receitas.

**A – Com o estatuto que tem, dá-se ao luxo de recusar papéis?**

**JB** – Com o estatuto que tenho, dou-me apenas ao luxo de dizer que não posso porque estou a fazer outra coisa. De qualquer modo, consegui fazer ao mesmo tempo a telenovela 'Fala-me de Amor' e a peça de teatro musical 'A Canção de Lisboa', o que exigiu muito de mim. Levantava-me todos os dias às cinco da manhã para fazer as gravações e ainda tinha ensaios à noite para levar à cena o musical. Durante quatro meses, dormi três/quatro horas por noite. Mas consegui fazer a novela e estrear a peça. Com os actores, acontece muito isto: ou oito, ou oitenta. Pode, de facto, acontecer a um actor ficar dois anos em casa sem fazer nada. Sem convites para coisa nenhuma. A vida de actor é um verdadeiro Totoloto.

**A – A situação tem vindo a piorar?**

**JB** – Sempre foi mais ou menos assim. O mercado nacional é muito pequeno e não consegue absorver todos os profissionais de espectáculo. Alguns estão mesmo com sérias dificuldades em casa, porque o mercado de trabalho é reduzido. E cada vez mais aparecem também interferências estranhas. Isto é: cada vez mais aparecem pessoas estranhas ao 'métier' dispostas a fazer coisas que, pura e simplesmente, podiam ser feitas pelos actores, que são os profissionais. Só um exemplo, que é sintomático da protecção que existe noutros países e em Portugal não. Uma vez, fui convidado para ir à América e ao Canadá actuar para os emigrantes portugueses. Na altura, perguntaram-me se podia também levar um conjunto de músicos que tocasse música portuguesa, tipo folclore e de baile. Tratei de tudo, arranjei os músicos e, quando fui tratar dos vistos na embaixada dos EUA e do Canadá em Portugal, autorizaram-me a viajar, mas não o fizeram em relação aos músicos. E porquê? Porque me disseram que, para tocar aquele tipo de música, havia músicos nacionais naqueles países que o podiam fazer. Ou seja, havia músicos norte-americanos e canadianos desempregados que podiam perfeitamente tocar aquele tipo de músicas. De facto, quem sabe ler música toca em qualquer lado. O mesmo já não se passa em relação a um actor, que pode ter características específicas para certo papel. Ou mesmo em relação a um instrumentista. Agora, era apenas música de baile. Fui cantar e os músicos foram mesmo arranjados lá. Alguma vez isto seria possível em Portugal? No entanto, há músicos que estão desempregados, assim como há actores.



**Estou à espera de ver o que o Filipe La Féria vai fazer. Gosto muito deste tipo de espectáculos, se bem que é um bocado doloroso o seu levantamento. Ensaíamos 10/12 horas espectáculos que, em Londres, levam quatro/cinco meses a levantar, a pôr em cena e a estrear. Em Portugal, leva dois meses. São 10/12 de ensaios por dia... (Joel Branco)**

sição, em 70 milímetros. Via todas as noites de borla o filme. Quando fiz as contas, já o tinha visto 85 vezes.

**VM** – O público do Porto já se habituou a ter no Teatro Rivoli comédias musicais. E o público do Porto não é de meios-termos: ou gosta, ou não gosta. Não faz favores a ninguém. Eu também sou assim e aprecio. Portanto, se há expectativas, julgo que estarão mais relacionadas com 'Música no Coração' do que com o sucesso de 'Jesus Cristo Superstar'. As pessoas já tendem a ir naturalmente ao teatro. Também porque no Porto já começa a haver alguma boa oferta.

**JB** – Fiquei mesmo surpreendido quando uma colega nossa, muito conhecida do público, que já fez comédia, revista, muita televisão, veio ao Porto assistir ao espectáculo e, no fim, entrou no camarim com os olhos muito abertos. Estava espantada com a qualidade do espectáculo. E é nossa colega. Mas não imaginava o que era o espectáculo. Sentou-se na plateia, para o ver do lado de lá, e viu como o elenco segurava a peça e a dignidade com que o fazia. É isso que o Filipe La Féria exige aos actores. Não há nada a fazer: ele pode ser extremamente violento quando está a ensaiar, mas consegue sempre o resultado que pretende. Quando estão a fazer o espectáculo, os actores respeitam o seu trabalho, o trabalho do Filipe La Féria e respeitam o público. O público, ao contrário do que se possa pensar, sente quando o actor está lá e quando não está.

**Do 'Maria Vitória' ao Parque Mayer**

**A – Um Filipe La Féria é suficiente para ter salas de teatro cheias em Portugal?**

**VM** – Não. Tem de haver mais empresários em Portugal.

**JB** – O Filipe La Féria está a beneficiar, de certo modo, do facto de, infelizmente, o teatro dito musical e de cariz popular ter poucos empresários em Portugal. Mas já houve alturas em que existia o Vasco Morgado, o Guiseppe Bastos, o Sérgio de Azevedo, ou o Hélder Costa. Foi uma época em que havia muitos teatros a funcionar, com todo o género de teatro, comédia ou musical. O público ia, na verdade, muito ao teatro, também porque havia um naipe de grandes actores...

**VM** – ...E de grandes autores...

**JB** – ...E também de grandes autores, que se adaptavam aos vários géneros de teatro. Se, num ano, não estavam em cena, estavam no ano a seguir. Hoje em dia, a realidade é muito diferente. Há, por exemplo, colegas que se têm agarrado heroicamente ao Teatro Maria Vitória nos últimos anos, que merecem todo o meu aplauso, porque é muito difícil fazer teatro de cariz popular musical em Portugal.

Felizmente, o 'Maria Vitória' tem conseguido sobreviver e tem mesmo tido espectáculos magníficos. Mas o público já não vai como antigamente.

**VM** – Nem pode ir. O Parque Mayer não tem nada., Está deserto. Não tem sequer um café. Só existe o Teatro Maria Vitória. Se estiver a chover, as pessoas apanham chuva antes de entrarem para o teatro; se estiver Sol, ficam a torrar. Está tudo destruído.

**JB** – Mas, há 20 ou 30 anos, o Parque Mayer era um parque de diversões interessantíssimo. Do meu ponto de vista, o Filipe La Féria, felizmente para os que estão na sua companhia, ou para os que são convidados a participar nos seus espectáculos, tem conseguido aglutinar algum do público que ia a Lisboa à revista. De uma forma inteligente, conquistou o público da revista e está a habituá-lo a um tipo de espectáculo que há alguns anos dificilmente alguém podia adivinhar ser do agrado do público, que é a comédia musical. Eu e a Vera Mónica fizemos, em 1976, o 'Godspell', que era um espectáculo lindíssimo e bem feito, e foi muito difícil. Há, de facto, uma camada jovem que está a aderir a este tipo de teatro porque o Filipe La Féria veio tra-

zer à comédia musical, não de cariz nacional, mas internacional, uma grande dignidade.

**VM** – O que está mesmo a acontecer é que as pessoas vêem os espectáculos lá fora e, quando os vêem cá, consideram que o que é feito em Portugal é melhor do que o estrangeiro.

**JB** – Conheço pessoas que viram o 'My Fair Lady' e o 'Música no Coração' – e mesmo o 'Godspell' – em Londres e em Portugal e acham o espectáculo feito cá superior àquele que viram em Inglaterra.

**VM** – Sabe-se que os ingleses são frios por natureza. E os portugueses são latinos. Vivem as coisas com mais intensidade e emoção. Se calhar, é uma das explicações para o facto de as pessoas gostarem mais do que viram cá. Temos o sangue quente e tudo o que fazemos em palco resulta melhor. O vestido até pode ser mais feio, mas fica melhor numa actriz portuguesa do que numa inglesa. Os portugueses têm alma.

**A** – Já o mesmo não se pode dizer da língua...

**VM** – Pois não. O inglês resulta melhor, indiscutivelmente. A língua portuguesa é muito chata. Aliás, a situação é tão perturbante que, hoje em dia, já não se fala em português, mas em brasileiro. E o acordo ortográfico que aí vem vai ajudar ainda mais à festa.

**À espera de Filipe La Féria**

**A** – O que vão fazer no futuro?

**VM** – O meu futuro irá estar ligado ao teatro, ou às canções. Por

acaso, também gostava de fazer uma novela. Só ainda fiz uma, a 'Vida de Sal'. Entretanto, fiz um interregno, quando fui para Itália, e gostava de voltar. Quem diz uma novela diz também um programa de televisão. Gosto de fazer tudo o que esteja relacionado com a minha arte. Aliás, tenho em mente um projecto meu, com alguns músicos de Gaia, que quero ver se ponho em prática. Será um espectáculo para ser montado, ter músicos, bailarinos e eu cantar. E para ser vendido a Câmaras, ou a comissões de festas.

**A** – Quando vai avançar?

**VM** – Brevemente. Os músicos estão escolhidos e já começaram a ensaiar. A próxima fase já serei eu a ensaiar com os músicos.

**A** – Vai conciliar o projecto com «Música no Coração»?

**VM** – Vou. A peça vou fazê-la até ao fim. Depois logo se vê. Ainda não sei os projectos que o Filipe La Féria terá para mim. Quando chegar a altura, verei se será possível conciliar as duas coisas. Não seria a primeira vez – nem será, com certeza, a última – que um actor estava em dois projectos ao mesmo tempo. Aliás, o Joel Branco participava na novela da TVI e entrava ao mesmo tempo n'A Canção de Lisboa'. É um projecto que vai arrancar do Porto, mas pode ir em digressão. Vou ficar no Porto por uns tempos, de facto.

**A** – Está, portanto, a tentar relançar a carreira, depois de



**Aprendi muito em Itália. Aprendi, por exemplo, a viver a horta. E a saber plantar e colher. Aliás, o meu sonho é ir para o Alentejo e plantar e comer as minhas batatas e os meus tomates. Dei a mim mesma um prazo de 15 anos para fazer tudo o que está ao meu alcance com vista a conseguir ter o meu espaço no Alentejo (Vera Mónica)**

por exemplo, a viver a horta. E a saber plantar e colher. Coisas que nunca aprenderia em Lisboa. Também já não tenho medo nenhum de ir para o campo. Aliás, o meu sonho é ir para o Alentejo e plantar e comer as minhas batatas e os meus tomates. Dei a mim mesma um prazo de 15 anos para fazer tudo o que está ao meu alcance com vista a conseguir ter o meu espaço no Alentejo. E vou consegui-lo.

**JB** – Estou à espera de ver o que o Filipe La Féria vai fazer. Gosto muito deste tipo de espectáculos, se bem que é um bocado doloroso o seu levantamento. Ensaíamos 10/12 horas espectáculos que, em Londres, levam quatro/cinco meses a levantar, a pôr em cena e a estrear. Em Portugal, leva dois meses. São 10/12 de ensaios por dia...

**VM** – ...Sem horários para comer.

**JB** – É sempre muito penoso. Os actores só começam a entrar num ritmo normal de vida 15 dias depois de a peça estrear. É uma verdadeira aflição. Na altura da criação, temos de estar todos muito concentrados e empenhados. Tudo tem de ser feito num curto espaço de tempo, porque, do ponto de vista financeiro, é muito difícil uma companhia de teatro estar a pagar a 60, ou 70 actores ordenados durante quatro, ou cinco meses. Sem qualquer tipo de rentabilidade.

**A** – Já pensou na reforma?

**JB** – Eu já devia era estar reformado, que é diferente. Tenho 44 anos de carreira. Se penso na reforma? Penso, acima de tudo, que reforma vou ter. Felizmente, os actores têm uma vida profissional de maior longevidade. Haverá sempre papéis para todas as idades. Por exemplo, em Londres, está em exibição uma peça há 50 anos, chamada 'A Ratoeira', de Agatha Christie, em que uma actriz, que já morreu, fez todos os papéis da peça. Fez televisão e cinema, mas, no teatro, só fez aquela peça.

**oito anos de ausência em Itália?**

**VM** – É uma tentativa de ter um espectáculo próprio, que me agrada muito, mas que não vou ainda dizer qual o mote, porque é cedo e também porque sou supersticiosa. Será uma coisa cantada e dançada, com música ao vivo. O 'playback' é uma seca. Uma vez, no Casino do Estoril, cantei a mesma canção

duas vezes sem dar por isso e também ninguém deu por ela. Os músicos aperceberam-se mas foram atrás de mim. Se tivesse sido em 'playback', teria sido uma barracada. Este projecto é um sonho antigo. As coisas na minha vida acontecem assim, naturalmente. E, uma vez mais, será o caso. Como foi quando decidi ir para Itália. Aprendi muito em Itália. Aprendi,

## COMPARAÇÕES

# Teatro, televisão e «feedback»

**A** – Gostam mais dos palcos ou da televisão?

**VM** – Na televisão, estou todas as quintas-feiras na Praça da Alegria a fazer de dona Felicidade. Mas, logicamente, gosto mais dos palcos.

**JB** – Qualquer actor que tenha nascido no teatro prefere o contacto com o público. Gosto muito de fazer televisão e não tenho nada contra os actores que preferem a televisão ao teatro, mas são coisas diferentes. Em televisão, estou a olhar para a câmara e não tenho 800 pessoas a olhar para mim, mas, se calhar, a minha imagem vai ser vista por milhares. No teatro, não vou ser visto por milhares, mas tenho 800 pessoas a olhar para mim. Ao vivo. Isso faz toda a diferença. A sensação de estar a ser visto e de as pessoas estarem a respirar ao mesmo tempo do que eu é indescritível. Todos nós estamos a morrer a cada segundo e as pessoas, quando vão ver uma peça de teatro, decidem ir morrer duas horas à nossa frente. Ao mesmo tempo do que nós. Que melhor pode haver para um actor? A partir do momento em que nascemos, começamos a morrer. Se se quiser, para não ser tão dramático, as pessoas decidem ir viver por duas horas à nossa frente. Pode haver melhor? É fantástico.

**VM** – Quando estamos a fazer gravações para televisão, não sentimos a vibração do público, que nem sequer existe naquele momento. Não transmitimos, nem recebemos na hora. O 'feedback' é sempre a posteriori. Não quer dizer que o público não receba depois a mensagem, mas vai recebê-la sozinho, em casa. E bom mesmo é estarmos a transmitir e, ao mesmo tempo, a receber, numa troca de energia fantástica.

**A** – É comparável aos momentos em que também está a cantar?

**VM** – É. Cantar é também uma coisa fantástica.

**A** – De qual gosta mais?

**VM** – Gosto mais de cantar. E explico porquê. Na representação, represento apenas, porque posso ter um papel em que não cante, mas, a cantar, tanto canto, como represento. É por isso que gosto mais de cantar, porque faço as duas coisas ao mesmo tempo. E mais: também danço.

**A** – Tem feito espectáculos?

**VM** – Não. Só canto uma canção no 'Música no Coração', o que é pouco para quem como eu gosta realmente de cantar.